

## **A interferência do uso de dispositivos tecnológicos na relação pais-filhos**

### **The interference of the use of technological devices in the parent-child relationship**

DOI:10.34117/bjdv8n6-028

Recebimento dos originais: 21/04/2022

Aceitação para publicação: 31/05/2022

#### **Flávia Michelle Pereira Albuquerque**

Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas

Instituição: Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA

Endereço: R. Santos Dumont, 820, Centro, Santa Rosa – RS

E-mail: [flavia@fema.com.br](mailto:flavia@fema.com.br)

#### **Maiara Cristina Fiorin**

Psicóloga

Endereço: R. Santos Dumont, 820, Centro, Santa Rosa – RS

E-mail: [maiaracfiorin.mf@gmail.com](mailto:maiaracfiorin.mf@gmail.com)

#### **Juliane Colpo**

Mestre em Educação nas Ciências

Instituição: Faculdades Integradas Machado de Assis - FEMA

Endereço: R. Santos Dumont, 820, Centro, Santa Rosa – RS

E-mail: [jcolpo@fema.com.br](mailto:jcolpo@fema.com.br)

#### **Nedisson Luis Gessi**

Doutor em Desenvolvimento Regional

Instituição: Faculdades Integradas Machado de Assis – FEMA

Endereço: R. Santos Dumont, 820, Centro, Santa Rosa – RS

E-mail: [nedisson@fema.com.br](mailto:nedisson@fema.com.br)

#### **RESUMO**

O uso de dispositivos tecnológicos é habitual na vida e no cotidiano das pessoas. Mesmo sendo uma ferramenta essencial, pode causar um impacto no vínculo e convívio com os demais, principalmente no âmbito familiar (Thomazini & Goulart, 2018). Tem como Metodologia: estudo transversal, quantitativo de delineamento exploratório e descritivo, de levantamento de campo (pesquisa Survey), através de questionário *online*, um para pais e outro para os filhos, pelo *Google Forms*. Participaram da pesquisa adolescentes entre 12 a 15 anos e seus respectivos responsáveis, totalizando 137 participantes. Teve por objetivo caracterizar e comparar a percepção do uso de dispositivos tecnológicos por pais na visão dos pais e dos filhos e a interferência na relação pais-filhos. Na análise, a pesquisa teve como foco a influência que os dispositivos tecnológicos geram nas relações familiares. Os resultados mostraram que as famílias não consideram que o uso da tecnologia interrompe atividades com os filhos ou causam problemas na relação, avaliando-a como boa. Pensando nos resultados apresentados na pesquisa, o problema não seria o uso da tecnologia em si, mas, a forma com que a família se relaciona, pois, a internet compromete o diálogo familiar, encobrendo dificuldades de relacionamento,

principalmente interferindo nas relações e podendo estimular o individualismo, tornando cômodo o uso da tecnologia em geral. Com a pandemia do novo Coronavírus, as relações familiares e de trabalho tiveram grandes mudanças de modo que a tecnologia veio como aliada, a qual, não sabemos como será futuramente, mas, que assumirão lugar importantíssimo em todas as relações sociais.

**Palavras-chave:** dispositivos tecnológicos, tecnologia, relações familiares, pais-filhos.

## ABSTRACT

The use of technological devices is common in people's daily lives. These devices, even being essential tools, may impact people social life, particularly in the family environment (Thomazini & Goulart, 2018). Methodology: Cross-section analysis, using exploratory and descriptive field survey with two online Google Forms questionnaires, one for parents and one for children. Teenagers between 12 and 15 years old and their respective guardians answered the questionnaires, a total of 137 individuals. The survey aimed to analyze and compare the perception of technological devices by parents and children, plus, its interference in the parent-child relationship. Analysis: The survey focused on the influence that technology devices create in the family. According to the data, families do not think that technology negatively affects their family relationship or the family activities, evaluating it as good. The result shows that the problem is not the use itself, but the way the family interacts with. These devices can compromise the family dialogue, covering relationship problems and boosting individualism, making the use comfortable. With the coronavirus pandemic, the relationship in the family and in the work changed, the technology came as an ally. We do not know about this in the future yet, what we know is that technology will have a particularly important place in social relationships.

**Keywords:** technological devices, technology, family relationship, parent-child.

## 1 INTRODUÇÃO

O uso do celular é um dos principais dispositivos tecnológicos que se tornou habitual na vida e no cotidiano dos indivíduos, porém, este fato pode causar um impacto no vínculo e convívio com os demais, principalmente no âmbito familiar. Ao falar sobre vínculo entre pais e filhos, referimo-nos à importância do afeto, pois, ele é imprescindível e determinante na vida e na formação da estrutura emocional do sujeito, influenciando nas relações sociais ao longo da vida. Porém, quando o vínculo afetivo se torna ausente na vida do indivíduo, poderá causar problemas emocionais, prejudicando o convívio familiar e social (Bairros *et al.*, 2011).

Sabe-se que há uma grande relevância quando se fala sobre vínculos entre pais e filhos, porém, quando a atenção dos pais é voltada a outro objeto, este vínculo poderá sofrer interferências, tornando-se precário, causando dificuldades nas vivências em família, acarretando a estes um prejuízo no convívio social. O uso demasiado do celular pelos pais pode causar consequências negativas no convívio e no desenvolvimento afetivo

com os filhos, pois, quando há ausência de expressões de amor e carinho, a criança terá dificuldades em lidar com os sentimentos (Pedroso & Bonfim, 2017). Nesse sentido, é preciso dar importância à forma com que a família se relaciona, pois, “a internet, com suas redes sociais virtuais, compromete significativamente a cumplicidade e diálogo familiar, encobrendo dificuldades de relacionamento, principalmente, entre pais e filhos e casais” (Thomazini & Goulart, 2018, p.54), interferindo nas relações e podendo estimular o individualismo, tornando cômodo o uso da tecnologia em geral. Dessa forma, surgem conflitos como a falta de diálogo entre pais e filhos causando um empobrecimento nas relações intrafamiliares.

Nesse sentido, quando pensamos nas conexões e vínculos pessoais, relacionamos ao uso da tecnologia, mas relacionamos também ao contato para além do virtual, com pessoas próximas. Atualmente, através dos dispositivos tecnológicos com acesso internet é possível no conectar com pessoas distantes, além de conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, interagir e se conectar com o mundo. Mas como diz Motta (2017), conectar não é vincular. Conectar é estar *online*, em rede. Vincular está além de conectar-se com o outro, é relacionar, conhecer e, isso, implica em compromisso com o outro e consigo mesmo. Ter vínculo é saber resolver as dificuldades de comunicação, suportar e saber resolver conflitos em meio às relações.

A nível mundial, a internet está nas mãos de 3,5 bilhões de pessoas (47% da população mundial). Os países de baixa renda que não possuem acesso à internet vêm diminuindo, pois 24% da população não possuía internet em 2014, passou para 10% da população global em 2019 (Bahia & Suard, 2019). Em 2018, em 18 países periféricos (como, por exemplo, da Ásia e África), 57% da população que tinham acesso à internet que era exclusivamente através do celular (Bahia & Suard, 2019).

Atualmente, o uso do celular tornou-se algo indispensável nas mãos dos brasileiros, sendo de uso individual, para diversas finalidades tanto dentro como fora do domicílio. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) observou-se a existência e o uso de celular em 93,2% dos domicílios do país. O uso da internet é um recurso indispensável, sendo, segundo IBGE (2018), utilizada em 74,9%, dos domicílios particulares do país. Deste total, 98,7% dos domicílios em que há acesso à internet, o celular é um dos principais recursos para sua utilização, sendo que em 43,3% destes domicílios a internet é de uso exclusivo pelo celular. Ainda referente aos dados do IBGE (2018), constatou-se que o uso do celular é mais frequente na população adulta, com percentual de 88,9% entre adultos de 25 a 34 anos e de 89,0% em adultos com 35 a

39 anos, sendo nestas idades que prevalecem adultos com filhos, passando, gradualmente, até atingir 63,5% para pessoas com 60 anos ou mais.

O uso de dispositivos tecnológicos, como o celular, por adultos tem aumentado consideravelmente e acreditamos que o uso demasiado pelos pais, venha a ser uma das principais causas de conflitos, desatenção, falta de diálogo, causando um empobrecimento nas relações intrafamiliares e, por este motivo, tornou-se objeto de pesquisa. Desta forma, foi elaborado um questionário *online* no *Google Forms* com o objetivo de caracterizar o uso de dispositivos tecnológicos por pais na visão dos pais e dos filhos, além de comparar a percepção destes sobre o uso e a interferência de dispositivos tecnológicos na relação pais-filhos. O questionário foi enviado para famílias que tinham filhos entre 12 a 15 anos, estudantes de escolas públicas e privadas do município de Três de Maio - RS. Responderam ao questionário 70 pais e 67 filhos com idade entre 12 e 15 anos, totalizando 137 participantes. Para a análise dos resultados foi realizada análise estatística de dados. Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo do segundo semestre de 2020, momento este em que o mundo vivenciava a pandemia da COVID-19, onde o distanciamento social impera e o uso de tecnologias tornou-se primordial.

## 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal com abordagem quantitativa de delineamento exploratório e descritivo, o qual foi desenvolvido através do levantamento de campo (pesquisa Survey). Participaram da pesquisa 67 adolescentes de faixa etária entre 12 a 15 anos, estudantes de séries finais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas do município de Três de Maio localizado à noroeste do Rio Grande do Sul e seus respectivos responsáveis (70), totalizando 137 participantes. Nenhuma família das escolas particulares respondeu ao questionário no *Google Forms*.

A pesquisa teve por objetivo caracterizar o uso de dispositivos tecnológicos por pais na visão dos pais e dos filhos e comparar a percepção destes sobre o uso e a interferência de dispositivos tecnológicos na relação pais-filhos. A coleta de dados desta pesquisa foi adaptada, pois, no ano da coleta a pandemia do novo Coronavírus se alastrava mundialmente, e com ela inúmeros contextos e relações tiveram que se adequar e até inovar. Dessa forma, na discussão e análise de dados foi pensada em como estas famílias viviam antes e durante o contexto atual, considerando que, ao responder a pesquisa, são levados em conta vivências presentes e eventos passados.

Para a coleta de dados, contamos através de *WhatsApp* e e-mail professores responsáveis pelas turmas finais de Ensino Fundamental de duas escolas públicas e duas privadas do município de Três de Maio – RS. Foi apresentada a proposta e em seguida, as professoras enviaram no grupo de pais/alunos do *WhatsApp* um áudio e um texto explicativo sobre a pesquisa, junto com o link dos questionários para os pais e para os filhos. Porém, houve apenas respostas nos questionários de alunos e seus respectivos responsáveis das escolas públicas.

A coleta de dados foi realizada através de um questionário *online*, sendo um para os pais e outro para os filhos, através da plataforma *Google Forms*, respeitando os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos (Resolução 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde), estudo este aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do Número CAAE: 28572119.0.0000.5342 e Número do Parecer: 4083641. Para a análise de dados foi realizada análise estatística dos dados, através da tabulação destes no Programa Excel. A partir dos dados apresentados, foi realizado uma análise descritiva dos resultados e associando a literatura já existente.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação a coleta de dados no questionário dos pais, a faixa etária predominante foi de 31 a 40 anos (44,29%) e 41 a 50 anos (40,00%), dentre as opções, grande parte dos responsáveis possuíam Ensino Médio (37,14%) e Ensino Fundamental (25,71%). Sobre a configuração familiar, observou-se que prevalece famílias compostas por de 3 a 4 pessoas (62,86%). A maior parte dos responsáveis que responderam eram mães (92,86%) e a maioria responderam ter apenas um filho (40,00%) ou dois filhos (42,86%) e 97,14% dos filhos estudam em escola pública e a prevaleceu famílias residentes na Zona Urbana (90,00%).

Os filhos que responderam ao questionário, 56,72% eram meninos e 43,28% meninas, com faixa etária de 15 e 14 anos (ambos com 28,36%), 13 anos (19,40%) e 12 anos (23,88%), todos de escola pública, principalmente alunos do 8º ano (38,81%) e 9º ano (35,82%).

O questionário contava com 30 perguntas para os filhos e 18 perguntas para os pais. A partir da coleta de dados de ambos os questionários, realizamos a categorização, dividimos os resultados em duas categorias: “Uso de Dispositivos Tecnológico” e “Interferência Tecnológica e Relação Familiar” que serão apresentados a seguir.

#### 4 USO DE DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS

Família é o conceito que aparece e desaparece das teorias sociais e humanas, ora enaltecida, ora demonizada, sendo apontada como a causadora de todos os males, especialmente da repressão e da escravidão, ou exaltada pelo provimento do corpo e da alma (Sawaia, 2010). No entendimento de Sawaia, nos anos 60 a família foi vista como antagônica a organização popular e aos movimentos sociais, sendo espaço de reprodução do capital e da alienação, de reprodução de desigualdade e autoritarismo. Pregava-se que a família se extinguiria, pois, vinha perdendo sua função de educar e cuidar, sendo apenas vista pelos debates sobre controle de natalidade (Sawaia, 2010). Entretanto, a família continua sendo a mediação entre o indivíduo e a sociedade, inclusive atualmente sendo enaltecida tal instituição pelas políticas públicas.

Nesse universo de culturas, costumes e ritmos diversos, pode-se afirmar que “cada família é um universo diferente por que é uma construção social, portanto muda com o tempo e espaço” (Motta, 2017). Segundo Köhler e Amaral (2011) a família pode ser compreendida de acordo com seus vínculos relacionais, isto é, a família consegue se estruturar a partir de uma realidade em que está inserida na sociedade e vai se construindo e se estabelecendo no universo familiar. Neste espaço acontecem problemas, em que aprendem a lidar consigo mesmo e com os outros, com as situações do mundo externo, estabelecendo e fortalecendo vínculos ao longo deste desenvolvimento. Considerando os diferentes sistemas familiares, o termo “pais” refere-se a toda pessoa, sejam eles pais, mães ou outra pessoa responsável pelo participante da pesquisa, menor de idade.

Pensando nas diversas configurações familiares existentes somando a utilização dos dispositivos tecnológicos no meio familiar, questionou-se sobre como o uso destes ocorre neste meio familiar. Há muitas pesquisas que relatam sobre o uso da tecnologia por filhos, ou o uso da tecnologia pelos filhos na visão dos pais (Fim & Pezzi, 2019; Kohler & Amaral, 2011; Silva & Silva, 2017; Pedroso & Bonfim, 2017; Kobs, 2017), porém, não há muito um olhar em uma via contrária, em que dê maior importância ao uso de dispositivos tecnológicos por pais. O estudo buscou caracterizar o uso de dispositivos tecnológicos por pais na visão dos pais e dos filhos e comparar a percepção destes sobre o uso e a interferência de dispositivos tecnológicos na relação pais-filhos.

Na pesquisa realizada percebeu-se que o celular é o dispositivo tecnológico mais utilizado pelos pais, tanto na visão dos pais como na visão dos filhos, segundo os dados no Quadro 1.

**Quadro 1 – dispositivo mais utilizado pelos responsáveis.**

Qual dispositivo tecnológico mais utilizado pelos responsáveis?

Responsáveis		Filhos	
Celular com WhatsApp	97,14%	<b>Celular com WhatsApp</b>	94,03%
Televisão	68,57%	<b>Televisão</b>	70,15%
Computador	34,29%	<b>Computador</b>	16,42%
Tablet	2,86%	<b>Tablet</b>	2,99%
Vídeo Game	4,29%	<b>Vídeo Game</b>	2,99%

Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

Em ambos os questionários, sobre o uso dos dispositivos tecnológicos mais utilizados pelos pais, destacou-se o celular, sendo 97,14% no questionário dos pais e 94,03% no questionário dos filhos. Percebeu-se também, que a principal finalidade do uso do celular, na visão dos pais, está na “busca de informação” (38,57%), no “trabalho” (21,43%) e no “entretenimento” (18,57%). Na visão dos filhos, a principal finalidade da tecnologia por pais, está entre o “trabalho” (35,82%), a “busca de informações” (23,88%), e o “uso das redes sociais” (14,93%).

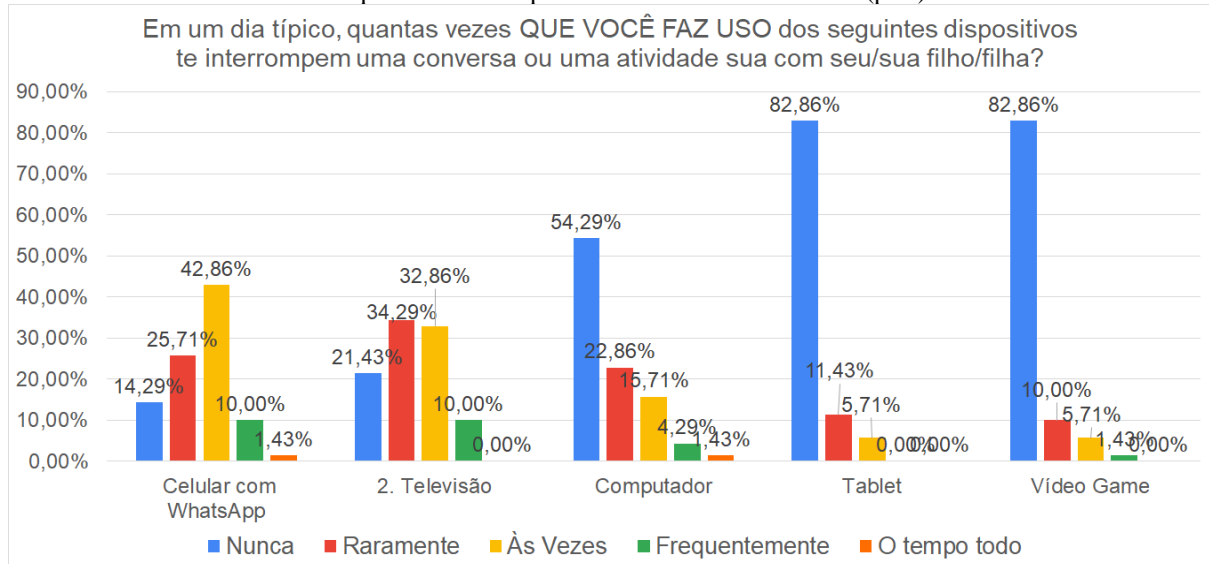
Atualmente, os dispositivos tecnológicos auxiliam em muitas tarefas no cotidiano e servem de ferramenta para busca de informação e aprendizagem, comércio e economia, comunicação e entretenimento dentre outros, disponibilizando serviços para a população em geral. Apesar de existirem diferentes dispositivos tecnológicos, não são todos que influenciam diretamente nas relações familiares e sociais, o computador, a internet, o tablet e o celular são os principais, considerando-os como os mais importantes instrumentos de comunicação e de aprendizagem (Pimenta & Oliveira, 2018).

A respeito do uso de dispositivos para momentos de lazer com os filhos, tanto os pais quanto os filhos citaram o seu uso para “assistir filmes e séries”, “escutar música” e “jogar” jogos virtuais. A frequência com que os pais usam dispositivos tecnológicos com os filhos para o lazer é de 22,86% “uma a duas vezes por mês”, 24,29% “seis vezes por semana ou todos os dias” e 17,14% “três a quatro vezes por semana”. Os filhos citaram que realizam o uso dos dispositivos tecnológicos com os pais para o lazer “seis vezes por semana ou todos os dias” e “uma a duas vezes por semana” 22,39% respectivamente e 20,90% usam “uma a duas vezes por mês”. Pode-se considerar que o uso dos dispositivos tecnológicos faz parte da vida e do cotidiano de grande parte da população, não só para a comunicação, informação, como também, para o lazer em família.

Com base nos dados acima, investigamos como avaliam o uso dos dispositivos tecnológicos pelos responsáveis, na visão dos pais e dos filhos. Buscamos saber se o uso interrompe alguma atividade ou conversa; se o uso deste dispositivo pelos responsáveis é um problema na relação; e como a relação familiar é avaliada por ambos.

No gráfico abaixo, os responsáveis avaliam-se frente às interrupções das atividades realizadas com os filhos, causadas pelo uso destes dispositivos.

Gráfico 1 – quando interrompe uma conversa ou atividade (pais)



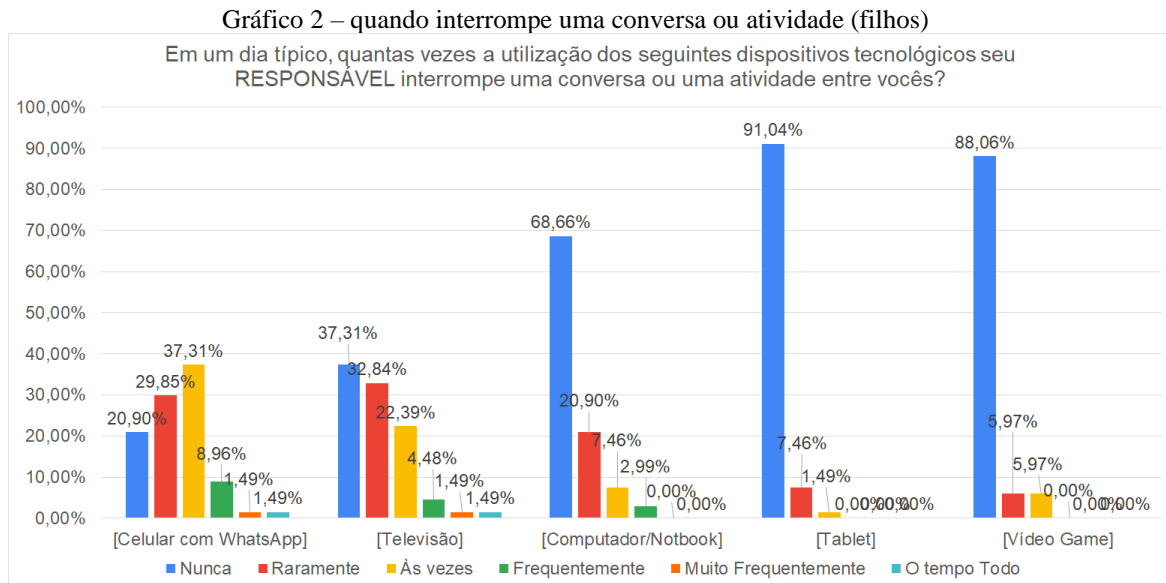
Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

Ao analisar o gráfico, na opção “às vezes”, é possível verificar que o “celular” (42,86%) e a “televisão” (32,86%), são os dispositivos tecnológicos que mais causam interrupções durante uma atividade ou conversa. Observando que o “celular” é o dispositivo tecnológico mais utilizado, como citado anteriormente, considerando sua frequência, percebeu-se que “às vezes” (42,86%) o uso deste dispositivo causa interrupções durante uma atividade ou conversa, ocorrendo também “frequentemente” (10%) e “o tempo todo” (1,43%), em algumas das famílias que responderam ao questionário.

Analisando os gráficos apresentados, podemos relacionar com uma pesquisa realizada por Thomazini e Goulart (2018), na qual os alunos foram orientados para que conversassem com seus responsáveis sobre como foi o dia, mas pedindo que desligassem os dispositivos móveis durante a conversa. Ao final, os alunos anotaram as reações, bem como, o tempo de duração da ‘experiência’. A partir dos resultados dessa pesquisa “permitiram analisar a influência que os dispositivos móveis geram nas relações familiares e o quanto afetam nesta dinâmica”. Assim, mostra-se relevante pensar sobre as relações familiares e o uso das tecnologias, de modo a refletir sobre como se dão as relações familiares com o uso (ou interferência) das tecnologias.



O Gráfico 2, refere-se às respostas dos filhos sobre o uso dos dispositivos tecnológicos pelos pais durante uma conversa ou atividade e se são interrompidos pelo uso de um determinado dispositivo.



Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

Percebemos que o uso dispositivo tecnológico pelos pais, na visão dos filhos, em geral pouco, identificam que causa interrupções durante uma atividade ou conversa. Ao pensar no significado da palavra *interrupção*, podemos relacionar aos momentos em que não ocorrem como algo negativo ou desfavorável, mas, como algo que já está naturalizado pois, “as tecnologias passam a fazer parte da vida das pessoas sem que elas se percebam de que suas relações e interações estão permeadas e influenciadas por estes instrumentos contemporâneos” (Costa *et al.*, 2015, p.606).

Ao comparar os gráficos acima, os participantes relataram que quando se encontram em família, há pouca interrupção na relação por conta dos dispositivos tecnológicos. Porém, quando ocorre interrupções, em ambos os questionários nota-se que “às vezes” o uso do “celular” (42,86% no questionário dos responsáveis e 37,31% dos filhos) é um dos principais motivos, confirmando, dessa forma, a premissa de que o celular é o dispositivo tecnológico mais utilizado, referido na questão norteadora da pesquisa, sendo o uso das tecnologias como algo onipresente na atualidade.

## 5 INTERFERÊNCIA TECNOLÓGICA E RELAÇÃO FAMILIAR

Nos últimos anos a sociedade vem passando por grandes mudanças nos diversos contextos, como no ambiente familiar, principalmente com as grandes mudanças sociais oriundas do avanço tecnológico que está ligada à maneira da utilização da tecnologia. As tecnologias criaram na última década um enorme avanço como possibilidades e facilidades nas mais diversas áreas, desde o trabalho, disponibilização de serviços bancários, alimentares, comércio, educação, entretenimento, dentre outros.

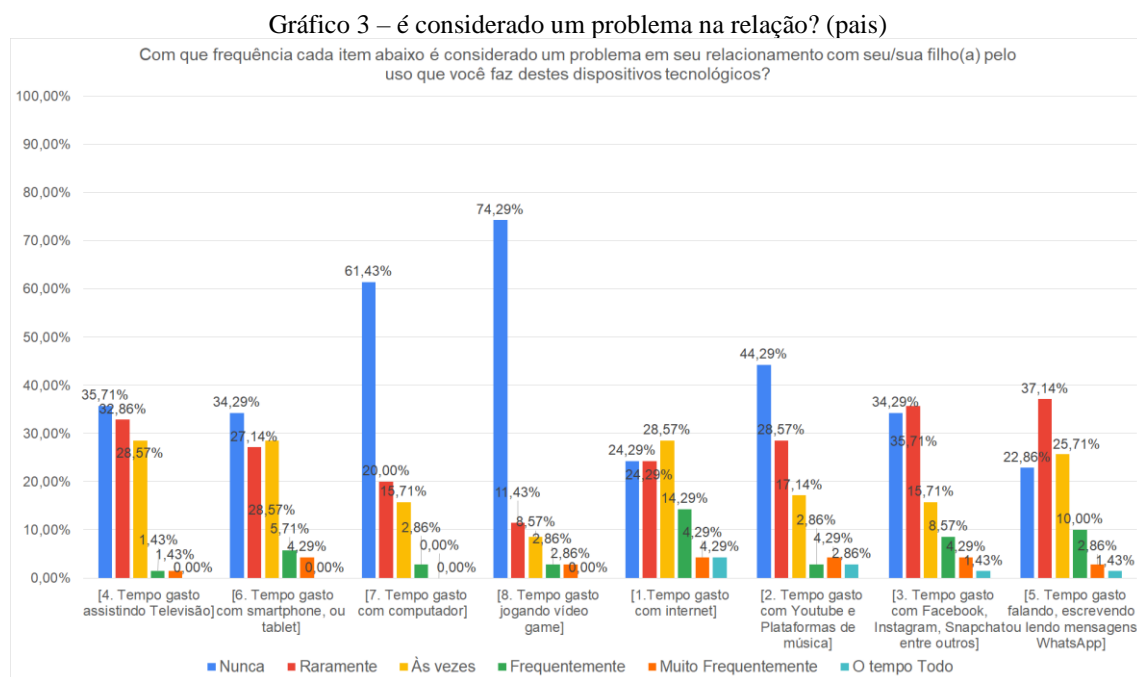
Os dispositivos tecnológicos não são apenas máquinas, mas instrumentos mediadores para diversas finalidades, na qual estão presente nas relações com o outro. Estes instrumentos vêm se tornando cada vez mais importantes e responsáveis nas interações humanas, pois “as tecnologias digitais, possivelmente, têm contribuído para mudanças em algumas práticas sociais como a comunicação, a socialização, a organização, a mobilização e a aprendizagem” (Costa *et al.*, 2015, p.605).

No momento da realização desta pesquisa e elaboração do artigo o mundo vivia uma pandemia. Havia sido descoberta uma doença infecciosa causada pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), chamada de COVID-19, que se originou na China, na cidade de Wuhan, e se disseminou em toda China, e em poucos meses atingiu o restante do mundo. Essa doença representa um dos maiores e mais importantes problemas mundiais de saúde pública dos últimos 100 anos (Medeiros, 2020). Isso trouxe grandes consequências na saúde pública e em outras áreas que também foram afetadas fortemente, como na vida familiar, profissional, social, econômica e escolar, onde toda a população precisou fazer isolamento e distanciamento social, como principal estratégia para proteger-se e frear a pandemia, além de seguir medidas e protocolos sanitários estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Nesse período, a tecnologia passou a ser uma ferramenta importantíssima e indispensável, alavancando mais as funções na área da educação, no entretenimento, na área comercial, social e demais serviços. Sua utilidade transformou-se em uma necessidade incontestável no uso em geral, possibilitando a retomada das rotinas da população. Dessa maneira, verificamos que as gigantescas transformações econômicas ocorridas na sociedade, principalmente no último meio século, são o motivo dos imensos avanços na produção tecnológica, na indústria da informática e nas telecomunicações, impactando, por conseguinte, as próprias relações sociais (Pimenta & Oliveira, 2018).

Nesse contexto estudamos as relações familiares, o uso de tecnologia e a interferência ou não nos vínculos. Para Carvalho (2010, p. 271), “a família como

expressão máxima da vida privada é lugar da intimidade, construção de sentidos e expressão de sentimentos, onde se exterioriza o sofrimento psíquico que a vida de todos nós põe e repõe”. Carvalho (2010) chama a atenção de que é nessa instituição que os sujeitos vão desenvolver os sentimentos de pertencimento a um campo relacional e que, posteriormente, iniciará suas relações na sociedade, sendo, portanto, a família condição de inclusão. São os vínculos sociofamiliares que asseguram ao sujeito a segurança de pertencimento social. Em todos os estágios de nossa vida vivenciamos conflitos, estamos envolvidos por inovações e recorrente a isso surgem necessidades de adaptações, tanto em relação às necessidades e aprendizagens e transformações no mundo interno, quanto ao mundo externo. A seguir, foi observado a forma como as famílias avaliam ser ou não um problema na relação o uso de dispositivos tecnológicos pelos responsáveis e como a relação familiar é avaliada, tanto pelos pais quanto filhos.



Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

Foi questionado se os filhos consideram ser um problema na relação familiar os pais realizarem o uso de determinados dispositivos tecnológicos. O Gráfico 3 apresenta os resultados. Considerando o celular como o dispositivo mais utilizado nos resultados da pesquisa, tem-se o conhecimento de que este também é utilizado para outras finalidades como: uso de internet, uso de plataformas de música e *YouTube*, e uso de redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat*, dentre outras. Considerando a

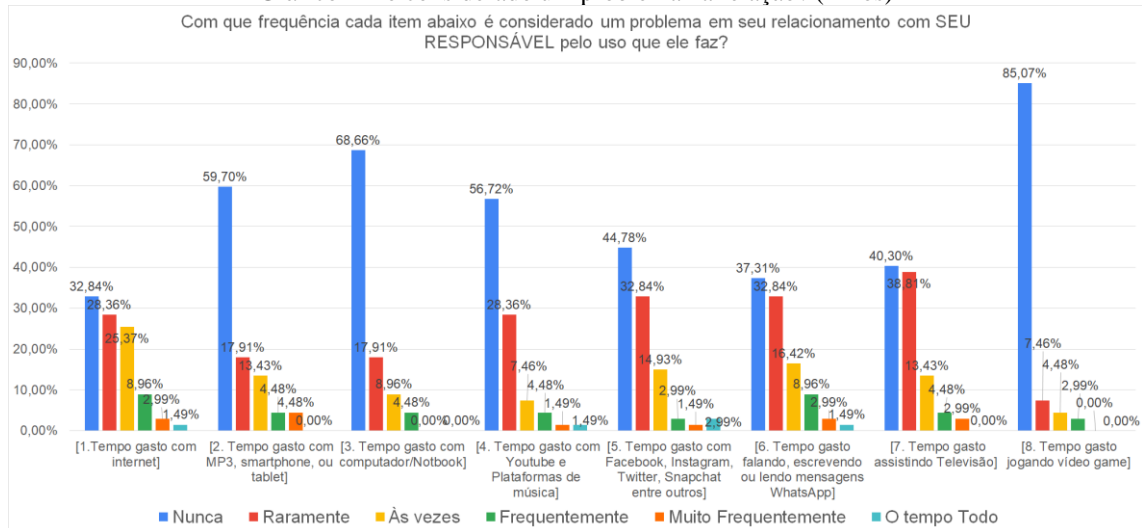
opção “tempo gasto com smartphone”, a frequência com que seu uso é “às vezes” considerado um problema, resulta em 25,57% e 4,29% é considerado “frequentemente” um problema.

Observando a frequência das opções que acreditam ser um problema, a opção “às vezes” destaca-se com 28,57% respectivamente no tempo gasto “assistindo televisão”; “com smartphone” e “com internet”, seguido de 25,71% o tempo gasto “falando, escrevendo ou lendo mensagens no *WhatsApp*”. Na opção em que “frequentemente” o uso de determinados dispositivos pode ser considerado um problema, “o tempo gasto no *WhatsApp*” resultou em 10% dos pais que responderam. Com 14,29% o “tempo gasto com internet” mais se destaca, afirmando as demais opções, levando em conta ser necessário conectar-se à internet para as demais atividades serem realizadas.

Dessa maneira podemos afirmar que a tecnologia faz parte da vida das pessoas e influencia diretamente nas relações (Costa *et al.*, 2015; Kohler & Amaral, 2011; Pedrosa & Bonfim, 2017; Pimenta & Oliveira, 2018). Os dados apresentados nesta pesquisa, reforça que principalmente a internet e o smartphone são considerados os que mais influenciam e interferem na relação familiar, o que traz consigo modificações nas relações, tanto familiares quanto sociais (Pimenta & Oliveira, 2018).

Mesmo com baixa porcentagem, as opções “muito frequentemente” e “o tempo todo” no Gráfico 3, podemos avaliar que devido ao uso de determinados dispositivos tecnológicos, poucas famílias consideram como um problema. Apesar do dado mostrar como poucas famílias consideram um problema, é necessário prestarmos atenção, pois, evemos observar o atual contexto e a fase do desenvolvimento da adolescência, que é permeada por distanciamentos dos adolescentes para com seus pais.

Gráfico 4 – é considerado um problema na relação? (filhos)



Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

Ao questionarmos os filhos se o uso de determinados dispositivos tecnológicos pelos pais é considerado um problema, verificamos que o uso em geral pelos pais não é considerado um problema na visão dos filhos. Ao analisar estes dados, é importante considerarmos o período da adolescência, as individualidades e as características do convívio familiar nesse período do desenvolvimento humano. Para isso, é necessário considerar que a “maneira de medir as alterações nos relacionamentos dos adolescentes com as pessoas importantes em suas vidas é observar como eles usam o tempo livre”, na qual, muitas vezes é tomado pelo uso das tecnologias em geral” (Papalia *et al.*, 2012, p. 436).

Segundo os mesmos autores “a quantidade de tempo que os adolescentes passam com suas famílias diminui dramaticamente durante os anos da adolescência” (Papalia *et al.*, 2012, p. 436). Nesta faixa etária, os adolescentes vivem em relacionamentos de ambivalência com seus pais, de modo a buscar autonomia e sua identidade, ao se aproximar mais dos amigos, “entretanto, esse afastamento não é uma rejeição à família, mas uma resposta às necessidades do desenvolvimento” (Papalia *et al.*, 2012, p. 436). O uso das tecnologias vem permeando as relações familiares e sociais. Pensando o uso das tecnologias relacionado a adolescência, a partir dos dados da pesquisa, percebemos que os filhos não se importam tanto com o uso da tecnologia pelos pais, justificado pelo fato de que no período da adolescência é marcada por profundas transformações, nas quais os indivíduos buscando respostas às suas necessidades de afirmação, afiliação, diferenciação e identificação, se entrelaçam processos de amadurecimento que são influenciados pelas

peculiaridades inerentes a cada sujeito, pelo seu ambiente sociocultural e pelo momento histórico (Albuquerque & Baumgarten, 2017).

Pelo viés de ser considerado um problema o uso de dispositivos tecnológicos pelos pais, a opção “às vezes” se destaca no “tempo gasto com internet” com 25,37%, seguido do “tempo gasto no *WhatsApp*” com 16,42% e “tempo gasto com outras redes sociais” 14,93%. Considerando que o celular ser avaliado como o dispositivo tecnológico mais utilizado pelos pais, ocasionalmente os filhos consideraram ser um problema. Poucas famílias não consideram as opções “muito frequentemente” e “o tempo todo” como um problema. No geral, é possível observar que os filhos não se importam tanto com o uso da tecnologia pelos pais.

Comparando os resultados, ao questionar sobre o uso de determinados dispositivos tecnológicos e o impacto que estes causam na relação, os entrevistados não relataram ser um problema. No questionário dos filhos notamos que não consideram um problema o uso de dispositivos tecnológicos pelos responsáveis, porém, no questionário dos responsáveis é notável que quando utilizam, consideram “às vezes” ser um problema, sendo o principal o “tempo gasto com internet”; com “smartphone”; “assistindo televisão” (todos 28,57%) e “tempo gasto falando, escrevendo ou lendo mensagens no *WhatsApp*” (25,71%). De modo geral, o tempo gasto utilizando o celular e assistindo televisão, “às vezes” é considerado como um problema, sendo o principal o celular, como apresentado nos dados desta pesquisa.

Verificamos que os pais estão utilizando os dispositivos tecnológicos realizando ocasionalmente interrupções durante uma conversa ou atividade e consideram ser poucas vezes um problema, enquanto os filhos, todos adolescentes, quando são interrompidos, não consideram ser um problema o uso destes dispositivos tecnológicos. A partir de todos os dados já apresentados, buscou-se investigar como as famílias avaliam a sua relação familiar.

Quadro 2 – relação familiar na visão dos pais e dos filhos

Questionário Pais		Questionário filhos	
Como você julga a sua relação com seu filho?		<b>Como você julga a sua relação com seu responsável?</b>	
Ótima	48,57%	<b>Ótima</b>	59,70%
Boa	48,57%	<b>Boa</b>	32,84%
Regular	2,86%	<b>Regular</b>	7,46%
Ruim	0,00%	<b>Ruim</b>	0,00%

Fonte: Albuquerque e Fiorin (2020)

No Quadro 2, os participantes responderam que julgam de modo geral, ter uma boa relação familiar. Para os eles, pouco é reconhecido que o uso da tecnologia venha causar interferência durante atividades ou conversas, pois, geralmente são realizadas através dos dispositivos tecnológicos. Os participantes também pouco reconheceram o uso da tecnologia como problema e diante disso a relação familiar é considerada “ótima” e “boa” pelos entrevistados.

Hoje, através dos dispositivos tecnológicos com acesso internet é possível realizar diversas atividades, como na área da educação, no entretenimento, na área comercial, social e demais serviços, além de conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, interagir e se conectar com o mundo. Mas como diz Motta, (2017) conectar não é vincular. Conectar é estar *online*, em rede. Vincular está além de conectar-se com o outro, é relacionar, conhecer e, isso, implica em compromisso com o outro e consigo mesmo. Ter vínculo é saber resolver as dificuldades de comunicação, suportar e saber resolver conflitos em meio às relações.

É possível também avaliar os vínculos e a forma como as pessoas convivem atualmente em meio às tecnologias, pois

[...] essas relações propiciam “maior ou menor desenvolvimento, mas principalmente maior ou menor bem-estar nas diversas épocas e nos diversos povos”, tendo em vista que a maneira como as pessoas vivem e o modo como as relações sociais se estabelecem são frutos diretos de como se dão as relações. (Guareschi 2001, p. 142, como citado em Pimenta & Oliveira, 2018).

Como comentado anteriormente, a adolescência é um período da vida em que o ser humano passa a descobrir sua identidade e, nesse meio tempo, a relação com os pais se estreitam, de modo que “a quantidade de tempo que os adolescentes passam com suas famílias diminui dramaticamente durante os anos da adolescência” (Papalia *et al.*, 2012, p.435), para descobrir diferentes contextos e relações existentes fora deste primeiro grupo que já pertence, sendo a família.

Em uma pesquisa que objetivou analisar a interferência do uso dos dispositivos móveis, relacionando-os ao afastamento da família, Thomazini e Goulart (2018, p. 58), trazem que os relatos “evidenciam que determinados hábitos estão enraizados no contexto familiar e o diálogo entre seus membros não é um desses hábitos”. A partir dos dados apresentados pode-se pensar de que maneira as famílias se relacionam no contexto atual, refletindo de que forma o diálogo e o vínculo pode ser compreendido e avaliado, levando

em consideração haver uma boa relação familiar por não ser definido um problema o uso de determinados dispositivos tecnológicos.

É considerado que o uso de dispositivos tecnológicos por pais (em ambos os questionários), principalmente o celular, causa moderada interrupções em uma conversa ou atividade com os filhos, mas, não é avaliado pelos filhos como um problema na relação, enquanto pelos pais é considerado razoavelmente um problema. Este problema não seria o uso da tecnologia em si, mas, a forma com que a família se relaciona, pois, “a internet, com suas redes sociais virtuais, compromete significativamente a cumplicidade e diálogo familiar, encobrendo dificuldades de relacionamento, principalmente, entre pais e filhos e casais” (Thomazini & Goulart, 2018, p.54) , interferindo nas relações e podendo estimular o individualismo, tornando cômodo o uso da tecnologia em geral.

A utilização de dispositivos no meio atual, propicia ambientes que possam prevalecer o individualismo no que se refere ao relacionamento com outras pessoas. No estudo dos mesmos autores citados anteriormente, alguns dos membros das famílias que participaram apresentaram-se dependentes do uso de algum recurso tecnológico como fuga do diálogo entre os membros. Esta fuga pode representar um individualismo intrafamiliar, trazendo grande parte de sua atenção para si ou para a tecnologia, podendo haver um empobrecimento ou até não haver um diálogo entre os membros da família.

O individualismo, segundo Pimenta e Oliveira (2018), surge nas relações capitalistas, onde há competitividade e exploração e que estas se estendem também, para a família. Ficam mais evidentes em função do uso das novas tecnologias que promovem a aproximação de pessoas distantes e o afastamento das pessoas próximas. O estudo bibliográfico destes autores contribui sobre influencia que a tecnologia tem, tanto positiva quanto negativamente, nas relações entre as pessoas, de modo que “o uso inadequado destas ferramentas tem servido não somente para individualizar as relações e alienar indivíduos de suas próprias famílias, mas para fazer adoecer diversas pessoas, gerando, inclusive, a chamada ‘dependência tecnológica’ ou ‘tecnoddependência’”.

Em um estudo americano realizado por McDaniel e Radesky (2017) sobre a “*techference*”, definida como interrupções diárias nas interações interpessoais que ocorrem devido ao uso de dispositivos tecnológicos, na relação entre pais-filhos (percepção de uma interrupção sentida por um indivíduo quando outra pessoa interage com a tecnologia digital durante o tempo juntos), e como tal interferência pode estar associado com problemas comportamentais dos filhos. Esse estudo, procurou estabelecer associações significativas entre auto relato de pais sobre o uso da tecnologia de forma



problemática, “*technoference*” percebida pelos pais, juntamente com as dificuldades comportamentais dos filhos. O estudo demonstrou que, mesmo baixa e aparentemente os resultados normativos de “*technoference*”, foram associados com problemas comportamentais dos filhos.

Tais resultados também foram verificados nesta pesquisa, pois, apresentaram baixos e até normativos dados sobre a interferência do uso de dispositivos tecnológicos utilizados por pais, na relação pais e filhos adolescentes. Não são em todas as fases do desenvolvimento que o uso de dispositivos por pais possa causar a interferência ou venha ser relacionado à problemas, seja na relação, seja nos comportamentos dos filhos, levando em consideração que o público-alvo desta pesquisa eram adolescentes (e que este momento é marcado pelo afastamento, que é salutar na construção da subjetividade dos adolescentes). Para Albuquerque & Baumkarten (2017), no período compreendido como adolescência os indivíduos migram do seu sistema familiar para o exterior buscando respostas às suas necessidades de afirmação, afiliação, diferenciação e identificação. Para as autoras, a adolescência é marcada por profundas transformações, nas quais, se entrelaçam processos de amadurecimento físico, mental, emocional, social e moral, que são influenciados pelas peculiaridades inerentes a cada sujeito, pelo seu ambiente sociocultural e pelo momento histórico. Além disso, a adolescência é uma fase da vida do sujeito caracterizada por perdas e lutos (pelo corpo infantil, pelos pais idealizados, etc.), por construção de novas identidades ligadas a “quem sou eu, o que quero para mim”, fase de experimentações como uso de drogas, bebidas de álcool, sexo, amor, paixão, novas amizades (Albuquerque & Baumkarten, 2017). Para as autoras, a adolescência é uma fase em que os conflitos com familiares são aceitos como “naturais”.

Considerando que este processo de integração do ser humano ao universo social, passa primeiramente pela família, onde a criança cria um vínculo de interação, quando aprende a conviver, crescer e introjetar valores que mais tarde vão refletir na sua adaptação ao meio ambiente, ou seja, quando construirá a base para a exploração do mundo à sua volta, a qualidade do relacionamento familiar terá influência emocional na formação da personalidade do indivíduo. Desta forma, podemos avaliar que uso de dispositivos por pais venha ser considerado um *problema*, dependendo da fase do desenvolvimento em que o filho se encontra. Como os dados apresentados acima, o uso da tecnologia por pais possui mais impacto nos filhos que estão no período da infância, pois nesta fase as crianças precisam mais da atenção e dos cuidados das pessoas próximas a ela. Já para os pais que possuem filhos adolescentes, é pouco considerado como *um*

*problema*, pois, na adolescência os filhos apresentam uma relação ambivalente com os pais em que o tempo que passam com a família diminui, pois, estão buscando sua autonomia e sua identidade ao se aproximar mais dos amigos, todavia, esse afastamento da família não é visto como uma rejeição, mas como uma necessidade do desenvolvimento.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de dispositivos tecnológicos, como o celular, por adultos tem aumentado consideravelmente e, possivelmente, o uso demasiado pelos pais venha a ser uma das principais causas de conflitos intrafamiliares, desatenção no núcleo familiar, falta de diálogo, causando um empobrecimento nas relações intrafamiliares. Este artigo teve como objetivo de caracterizar o uso de dispositivos tecnológicos por pais na visão dos pais e dos filhos, além de comparar a percepção destes sobre o uso e a interferência de dispositivos tecnológicos na relação pais-filhos.

O uso da tecnologia nas famílias é algo corriqueiro, normalizado, e neste ano tornou-se ainda mais fundamental, devido à pandemia do Covid-19. Quando analisado e comparado os dados, consideramos que, ter um bom relacionamento familiar pode estar relacionado com o uso cômodo da tecnologia, alienando o convívio com as pessoas no mesmo ambiente, mas, aproximando pessoas com pouco convívio pessoal. Neste sentido, para os participantes pouco é reconhecido que o uso da tecnologia possa causar interferência durante atividades ou conversas, também, pouco reconheceram o uso da tecnologia como problema e diante disso a relação familiar é considerada “ótima” e “boa”. Levando em consideração que os filhos que responderam à pesquisa encontram-se no período da adolescência, é importante pontuar que “a maioria dos jovens sente-se próxima e positiva em relação aos seus pais, compartilha opiniões idênticas sobre questões importantes e valoriza a aprovação deles” (Offer, Ostrov e Howard, 1989; Offer e Church, 1991; Offer, Ostrov Howard e Atkinson, 1988 como citado em Papalia *et al.*, 2012, p. 435). Dessa maneira, é considerada uma boa relação com os pais, somando ao fato de utilizarem determinados dispositivos durante certas atividades realizadas em parceria (pais-filhos) não sendo verificada como um problema.

Não são em todas as fases do desenvolvimento humano que o uso da tecnologia causa perturbações na relação intrafamiliar e na adolescência a relação de ambivalência com os pais faz parte do desenvolvimento, junto com o movimento afastamento-aproximação, identificação-desidentificação, conflitos entre gerações, busca de

aprovação pelos pares, etc, que são marcas desse momento do desenvolvimento. Desenvolvimento humano é um conceito baseado na ideia de liberdade dos seres humanos, para que estes tenham as oportunidades e capacidades de viverem com qualidade de vida e de acordo com os seus objetivos, estando relacionado com a satisfação das pessoas com o modo como vivem a vida (Albuquerque, 2019). No âmbito da Psicologia, o desenvolvimento humano refere-se à formação da identidade do indivíduo, ou seja, o seu comportamento, os valores, capacidades, etc. Neste aspecto, o desenvolvimento humano leva em consideração vários fatores distintos, como características genéticas, padrões intelectuais, emocionais, os grupos de convívio em que está inserido, o desenvolvimento físico, entre outros (Albuquerque, 2019), e nesse contexto o “distanciamento” entre pais e filhos na adolescência é visto como salutar e parte da construção da subjetividade desses sujeitos e, portanto, não é percebido como “problema” o uso de tecnologia na relação intrafamiliar pelos adolescentes entrevistados.

É notável que o uso da tecnologia já se tornou algo indispensável na vida das pessoas, e desse modo, a análise da pesquisa teve como foco a influência que os dispositivos tecnológicos geram nas relações familiares. Os resultados mostraram que as famílias que responderam à pesquisa não consideram que o uso da tecnologia interrompe atividades com os filhos ou causam problemas na relação, avaliando a relação como boa. Os resultados da pesquisa proporcionam reflexões sobre o relacionamento familiar no contexto atual. Devemos observar os resultados apresentados na pesquisa, onde o problema não seria o uso da tecnologia em si, mas a forma com que a família se relaciona, pois, a internet pode comprometer o diálogo familiar, encobrendo dificuldades de relacionamento, principalmente interferindo nas relações e podendo estimular o individualismo, tornando cômodo o uso da tecnologia em geral (Thomazini & Goulart, 2018).

Nos últimos anos, a sociedade vem passando por grandes mudanças nos diversos contextos, como no ambiente familiar, principalmente com as grandes mudanças sociais oriundas do avanço tecnológico que está ligada à maneira da utilização da tecnologia. As tecnologias criaram na última década um enorme avanço como possibilidades e facilidades nas mais diversas áreas, desde o trabalho, disponibilização de serviços bancários, alimentares, comércio, educação, entretenimento, dentre outros. Devemos considerar ainda, que no ano de 2020, o mundo vivencia a pandemia da COVID-19, onde o distanciamento social impera e o uso de tecnologias tornou-se primordial. Neste período, a tecnologia passou a ser uma ferramenta importantíssima e indispensável,

alavancando mais as funções na área da educação, do trabalho, no entretenimento, na área comercial, social e demais serviços. Sua utilidade transformou-se em uma necessidade incontestável para que a população pudesse retomar um pouco da sua rotina de vida e manter as relações sociais durante a pandemia do Novo Coronavírus.

Com o distanciamento e isolamento social, o tão repetido “fique em casa”, a tecnologia serviu como um instrumento, uma necessidade de primeira ordem. Como a família estava mais próxima na sua casa, o uso demasiado do celular não passou a ser visto como um problema e sim, como uma solução neste momento ímpar de mudanças inesperadas, urgentes e significativas durante o período da pandemia.

Ao realizarmos a pesquisa, tinha-se a ideia de que o uso das tecnologias poderia ser considerado como um problema nas relações familiares, de modo que seu uso interferisse a comunicação e as relações presenciais, apesar de compreender a relevância do uso. Esta pesquisa foi realizada num momento atípico, em que talvez os dados tenham sofrimento interferência pelo uso da tecnologia ter se tornado fundamental e passou a não ser entendida como algo “ruim” visto que as escolas, empresas, relações, etc, precisaram se adaptar, se adequar e aprimorar as relações através deste modelo distante fisicamente, mas, única forma possível de manter o contato. Se antes os pais solicitaram para que os filhos saíssem da frente dos aparelhos tecnológicos, nesse momento, tornaram-se aliados, tanto no estudo quanto no lazer e talvez a única forma de convívio possível com amigos, familiares, vizinhos e círculo social, portanto, passou a fazer parte do cotidiano muito mais do que anteriormente. Vivenciamos mudanças no comportamento do uso tecnológico, ainda não sabemos como será futuramente, mas de antemão sabemos que assumirão lugar importantíssimo em todas as relações sociais e econômicas a nível mundial. E nesse contexto torna-se urgente repensar as relações intrafamiliares, a construção de vínculos saudáveis e os processos identificatórios para os adolescentes e seus pais que fazem uso da tecnologia nas suas rotinas de vida.

A partir deste estudo, percebemos a relevância de realizar novas pesquisas sobre o uso das tecnologias e as relações, sejam elas familiares, sociais ou afetivas. As tecnologias estão cada vez mais normalizadas, sendo também um meio facilitador para diversas ocasiões. É importante repensar o modo como as relações e as novas formas de relacionamento irão ocorrer e até se fortalecer cada vez mais através do uso das tecnologias, porém deve-se ter uma devida atenção aos vínculos pessoais, de modo que o contato físico e os vínculos pessoais são extremamente importante para o reconhecimento

e a expressão dos sentimentos dos indivíduos, além de ser imprescindível para a formação e o desenvolvimento dos vínculos.

## REFERÊNCIAS

- Bahia , K., & Suard, S. (2019). THE STATE OF MOBILE INTERNET CONNECTIVITY 2019. Reino Unido: GSMA Connected Society. Fonte: GSMA Connected Society. <https://www.gsma.com/mobilefordevelopment/wp-content/uploads/2019/07/GSMA-State-of-Mobile-Internet-Connectivity-Report-2019.pdf>
- Bairros, J. d., Belz, C. W., Moura, M., Oliveira, S. G., Rodrigues, T. T., Silva, S. C., & Costa, F. T. (2011). INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA NA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL. XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão. <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2011/humanas/INF%C3%83%E2%80%9ANCIA%20E%20ADOLESC%C3%83%C5%AONCIA%20A%20IMPORT%C3%83%E2%80%9ANCIA%20DA%20RELA%C3%83%E2%80%A1%C3%83%C6%92O%20AFETIVA%20NA%20FORMA%C3%83%E2%80%A1%C3%83%C6%92O%20E%20DESENVOLVIMENTO%20EMOCIONAL.pdf>
- Costa, S. R. S., Duqueviz, B. C., & Pedroza, R. L. S. (2015). Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 603-610. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193912>. Disponível: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572015000300603&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572015000300603&script=sci_abstract&tlng=pt)
- Fim, T. R., Pezzi, F. A. S. (2019) INTERNET E ADOLESCÊNCIA: UMA INTERVENÇÃO COM OS ADOLESCENTES, PAIS E PROFESSORES. *Psicologia em Revista*. v. 25, n. 3, p.(942-959). Belo Horizonte. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p942-959>
- IBGE, I. B. (2018). Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal: 2017. Pesquisa nacional por amostra de domicílios: acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal; PNAD : acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. São Paulo. Fonte: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101631_informativo.pdf)
- Kobs, F. F. (2017) “Os possíveis efeitos do uso dos dispositivos móveis por adolescentes: Uma análise de atores de uma escola pública e uma privada”, Tese, Faculdade de Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba. [http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2768/1/CT\\_PPGTE\\_D\\_Kobs%2C%20Fabio%20Fernando\\_2017.pdf](http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2768/1/CT_PPGTE_D_Kobs%2C%20Fabio%20Fernando_2017.pdf)
- Köhler, J. F., & Amaral, É. M. (2011). Artigo (especialização) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Tecnologia, Curso de Especialização em Mídias na Educação. Influência da internet nas relações familiares, 1-20. Santa Maria, RS, BR. Fonte: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/2410>
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2017). Technofence: Parent Distraction With Technology and Associations With Child Behavior Problems. *Child Development*, vol.89, 100-109. doi:10.1111/cdev.12822

Medeiros, E. A. S. (2020). A luta dos profissionais de saúde no enfrentamento da COVID-19. *Acta Paulista de Enfermagem*, 33, e-EDT20200003. Epub May 11, 2020. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020edt0003>.

Motta, J. M. (2017). *Conversa1@pais-filhos.com*. Campinas, SP: Pontes Editora.

Papalia, D. E., Feldman, R. D., & Martorell, G. (2012). Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência. Em D. E. Papalia, R. D. Feldman, & G. Martorell, *Desenvolvimento Humano* (pp. 420-448). Porto Alegre: Editora Artmed.

Pedroso, C. M., & Bonfim, E. L. (2017). O impacto da tecnologia no ambiente familiar e suas consequências na escola. *Revista dos Discentes da Faculdade Eça de Queirós*, 1-5.

Pimenta, T., & Oliveira, F. A. (2018). A influência da tecnologia nas relações familiares. *Revista Uningá*, 55(4), 138-147. <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/2411>

Thomazini, M. G., & Goulart, E. E. (2018). Relações Familiares: A Influência do Virtual. *Revista Interações*, 49-64. <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/14182>

Silva, T. d., & Silva, L. T. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 87-97. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009)

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Famílias e Políticas Públicas. (2010) In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. 5ª edição. São Paulo: Ed. Cortez.

SAWAIA, Bader. (2010) Família e Afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. In: ACOSTA, Ana Rojas e VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. 5ª edição. São Paulo: Ed. Cortez.

ALBUQUERQUE, F.M.P. (2019) Políticas Públicas de Saúde Mental como Promotoras de Cidadania e (re)Inserção Social - Um novo lugar para ser feliz? Dissertação mestrado em Desenvolvimento e políticas públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul..

ALBUQUERQUE, F.M.P. & BAUMKARTEN, S.T. (2017) Meninos sem pátria: Da vampirização a medunização. São Paulo: Ed. Baraúna,